

A LIGAÇÃO DO DR. ASTROGILDO CÉSAR DE AZEVEDO NA CAMINHADA DAS IRMÃS FRANCISCANAS (SANTA MARIA/RS, 1900)

Géssica Marques Moraes*

lattes.cnpq.br/8670967266384604

Resumo: O presente trabalho faz uma construção da jornada das Irmãs Franciscanas na cidade de Santa Maria (RS), no que diz respeito à área da Saúde, através dos seus trabalhos no Hospital de Caridade juntamente com o seu fundador, Dr. Astrogildo de Azevedo, e também no tocante à Educação privada com a fundação do colégio Sant' Anna e, posteriormente, com a construção de outras duas escolas na cidade, auxiliando, assim, diferentes classes sociais e expandindo o lema das irmãs expresso nos ideais franciscanos de Paz e Bem na Educação. O estudo observa as dificuldades da chegada das Irmãs no país e a sua vinda para a cidade, assim como as dificuldades no desenvolvimento urbano e as deficiências da época em relação à proposta estudada.

Palavras chave: Santa Maria; Saúde; Educação; Doenças.

DR. ASTROGILDO CÉS DE AZEVEDO ON THE WALK OF THE FRANCISCAN SISTERS (SANTA MARIA / RS, 1900)

Abstract: The present work makes a constructive of Franciscan Nuns in the city of Santa Maria (RS), in Health through their work at Caridade Hospital simultaneously with its founder Doctor Astrogildo de Azevedo and in private Education with the foundation of Sant 'Anna College, posteriorly in the construction of two other schools in the city, therefore helping, other social classes and expanding the nuns' motto with the Franciscan ideals of Peace and Well in Education. Thus, the study notes the difficulties of the arrival of the Nuns in the country and their coming to the city, as well as the difficulties of urban development and the deficiencies of the time in relation to the proposal studied.

Key words: Santa Maria; Health; Education; Diseases.

* Mestranda em História na Universidade Federal de Santa Maria (Brasil). Contato: geh-marques@hotmail.com.

Introdução

Santa Maria está localizada na região central do Rio Grande do Sul e é uma referência, educacional, assim como na área da saúde. O seu destaque foi conquistado ao longo do século XX, principalmente com a ferrovia e, posteriormente, a criação da Universidade Federal de Santa Maria (1960).

Nesta cidade, as Irmãs Franciscanas marcam o seu nome na história local, que se estende por vários anos, incluindo desde a chegada destinada aos serviços no Hospital de Caridade, até a fundação do Colégio Sant' Anna, destinado ao ensino de pessoas do sexo feminino. Neste sentido, é possível registrar a expansão do Colégio Sant' Anna, que, no início, abrigava apenas 30 alunas e, atualmente, dedica-se à formação de crianças desde o maternal até o ensino médio.

Neste ponto, é importante ressaltar que o Dr. Astrogildo de Azevedo já havia chegado à cidade, quando, em 1903, ajudou a fundar o Hospital de Caridade, cuja administração seria destinada às Irmãs, constituindo o primeiro contato delas com a cidade e com a sociedade local. Ao deixarem o país de sua formação (Holanda), as Irmãs Franciscanas construíram uma sólida caminhada nos setores de saúde e educação, colaborando para o desenvolvimento dessas áreas em Santa Maria. Na cidade, ocuparam-se do Hospital de Caridade, atuando também com a propagação de seus valores, deixando uma memória que se formou em torno de seu nome. Sabe-se que a vinda das Irmãs para o Brasil foi repentina, apesar dos inúmeros convites que haviam sido feitos pelo Padre Jesuíta Guilherme Feldhaus. No entanto, foi à política de imigração no Brasil que incentivou a vinda das religiosas:

Da fundação da congregação religiosa, na Holanda, no ano de 1835, as irmãs alcançaram, em pouco tempo, o vizinho país da Alemanha.

Circunstâncias históricas da Europa e do Brasil, por razões distintas, contribuíram possibilidades e coincidências para a vinda dessas educadoras à terra brasileira. [...] o envio de

irmãs a fim de assumirem, em São Leopoldo, RS, a educação de crianças e jovens, a maioria, descendentes de imigrantes alemães. O conturbado cenário da Europa não permitiu a decisão favorável a essa solicitação. Porém, a insistência do superior dos jesuítas no sul do Brasil não se fez esperar (SCALIFRA-ZN, 2006, pp. 08- 09).

As irmãs vieram para o Brasil em 1872, para iniciarem a sua missão, sendo que, no ano de 1905, iniciaram os seus trabalhos em Santa Maria. Ao receber o convite do Dr. Astrogildo de Azevedo, elas passaram a atuar no hospital e os seus trabalhos seguem na cidade, permanecendo até os dias atuais. Contudo, observa-se que faltam maiores produções acadêmicas e/ou de pesquisa que abordem a sua vida em nossa cidade, o seu legado nas áreas da saúde e da educação.

Não se pode negar, por exemplo, que a memória local e regional está ligada a elas, uma vez que um dos principais centros Universitários da região central do Rio Grande do Sul faz parte da sua jornada na educação, consolidando-se como o Centro Universitário Franciscano que atende alunos de Santa Maria e região.

O trabalho das religiosas, porém, não se restringe a Santa Maria, elas possuem atuação em diferentes localidades do estado, como na Santa Casa de Caridade em Bagé (1906), no Asilo de Mendigos em Pelotas (1906), na Santa Casa de Jaguarão (1908), no Hospital de Santa Cruz (1907), na Escola Santíssima Trindade em Cruz Alta (1914), além da Casa de Saúde da Cooperativa da Viação Férrea em Santa Maria (1932).

Este trabalho não tem o objetivo de retratar “toda a vida” das Irmãs Franciscanas, mas problematizar a sua trajetória na vinda à vivência em Santa Maria. Procura-se, desse modo, colaborar para os estudos sobre a trajetória delas, fornecendo novos elementos para contar essa história, fazendo-o dentro da perspectiva da saúde e da educação no período de 1900-1922.

Entende-se que é necessário pensar o ‘universo’ político da época, assim como os elementos que permeiam a trajetória delas, tais como a construção do Hospital de Caridade e as dificuldades do ensino público do Brasil. Perceber a historicidade dos acontecimentos

não apenas determinados por um contexto, mas como ações que transformam a realidade, é a perspectiva aqui adotada.

Não se pode perder de vista que as Irmãs Franciscanas chegaram ao país ainda no tempo do império, assim sendo as políticas públicas do período imigratório do Brasil Imperial corroboraram para a chegada das Irmãs Franciscanas também no Rio Grande do Sul. Por outro lado, é impossível imaginar Santa Maria nos dias atuais sem envolver-se o seu passado e, com ele, a trajetória das Irmãs Franciscanas, que enriqueceram a história local, quer seja com o serviço desempenhado no Hospital de Caridade, quer seja com o investimento feito em educação. Dessa forma, não se pode esquecer também que elas sofreram as influências ocorridas na educação e as descobertas da saúde que se deu em tempo anterior ao período estudado, já que as irmãs puderam usufruir as novidades trazidas pelas ciências, o que determinou, por outro lado, a sua efetiva participação na sociedade de Santa-mariense.

Dando continuidade ao material teórico necessário para o estudo, deve-se citar aquele relacionado à doença, assim, ao pensar na consolidação da percepção que o médico é o melhor profissional a ser visitado em caso de doença, enfocam-se os estudos de Gilberto Hochman (1998). A questão pontual a ser percebida é, grosso modo, os médicos que criam as redes de atendimentos, mas, também, refere-se ao aumento da consciência e dos interesses das elites com a saúde, promovendo as ações coletivas de prevenção das doenças, assim como informando sobre os seus cuidados.

Outras fontes de pesquisa podem ser encontradas nos seguintes acervos: Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, o arquivo conta com o Jornal O Estado, abrangendo o período de formação do Hospital de Caridade; a Casa de Memória Edmundo Cardoso, que dispõe da coleção Astrogildo de Azevedo; o MHIF - Museu Histórico e Cultural das Irmãs Franciscanas, no qual se encontra o livro de Crônicas, e o Museu Educativo Gama D'Eça, que possui a coleção Astrogildo de Azevedo e exposição da trajetória em Santa Maria.

Considera-se, inicialmente, que a fundação do Hospital de Caridade é um movimento político e de interferência no espaço urbano, que visa consolidar um espaço de saúde. Mesmo que os apontamentos sejam mais ligados à percepção “de que o estado nacional deveria assumir mais a responsabilidade pela saúde da população e salubridade do território” (HOCHMAN, 1998, p. 40).

Daí a importância da soma dessas preocupações na construção deste trabalho e nas possíveis perguntas a serem respondidas, pelo menos em boa parte, através da trajetória das Irmãs em estudo. É interessante perceber a rede que elas pertencem, assim como, os papéis sociais que lhe são atribuídos.

O texto, além dessa introdução, possui uma retomada histórica do Hospital de Caridade, em que se dá destaque para as doenças, a sua descoberta e os tratamentos. Posteriormente, o estudo recai sobre a área educacional, traçando parte da caminhada das Irmãs em Santa Maria, os acertos e as dificuldades no campo da educação.

Salientamos que esta pesquisa é financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Hospital de Caridade: um histórico

O cenário político e as estruturas políticas da Europa no século XX estavam em constantes mudanças e influenciavam a sociedade mundial, de modo que com o Brasil não foi diferente, o progresso exercia influência em novas formas de agir e produzir. Por outro lado, o Brasil estava em transição de um país escravocrata para mãos livres assalariadas, de um regime Monárquico para o sistema Republicano, o que interferiu na mudança da forma de viver da população.

O progresso era inexorável e contínuo, “Tudo parecia mudar em ritmo alucinante. A política e a vida cotidiana; as ideias e as práticas sociais; a vida dentro das casas e o que se via nas ruas” (NEVES, 2003, p.15). Na virada de século, independente da região, rural ou centros

urbanos, grandes e pequenas cidades, eram inevitáveis continuar com os resquícios de rotina.

Os reflexos de modernização interferiram no modo de produção e a necessidade de alcançar novos portos e mercados de consumo fazia-se evidente, a ferrovia era o meio mais rápido e eficiente da época para o escoamento de bens.

A cidade de Santa Maria, desde a chegada da ferrovia em 1885, foi ligada a uma rápida conexão com outras cidades, mudando o cenário urbano, que era considerado, antes das estradas de ferro, uma cidade de passagem, que trouxe muitos benefícios à região, como desenvolvimento urbano, cultural, econômico e social.

[...] as principais cidades do Rio Grande do Sul, passaram a usufruir de seus benefícios. Começou uma nova era de progresso para a incipiente economia gaúcha: a dos transportes ferroviários. Santa Maria, como centro geográfico do Estado, foi beneficiada pelo serviço, já que se tornou entroncamento ferroviário mais importante do país (BEBER, 1998, p.73).

Com a chegada de ferrovia, a população não só experimentou o progresso de acordo com ROSSI (2012), bem como conheceu novas doenças que se proliferaram. De acordo com Hochman (1998), os problemas e as doenças vão mais além do que da contaminação.

Os processos de industrialização, urbanização e de crescimento populacional tinham constituído uma sociedade da qual um dos elos principais seria a doença, em especial, quando se apresentava à sociedade sob forma epidêmica. [...] e a crescente convicção da perda de eficácia das soluções individuais e locais, então vigentes para um problema que se tornava crescente coletivo nacional (HOCHMAN, 1998, p. 51).

Os sérios problemas de sanitários que a sociedade de Santa Maria sofria foram intensificados com o crescimento demográfico, de modo que as melhorias urbanas necessitavam de atenção. “Daí a preocupação de todas as administrações municipais em proporcionar à

população esses serviços tão essenciais” (BEBER, 1998, p.78). Santa Maria não era a única cidade que sofria com problemas sanitários, uma vez que havia muitas doenças disseminadas pelo país, assim sendo, o Brasil necessitava de uma organização em prol do saneamento, que só aconteceu no período de 1910 a 1920, em que se formularam movimentos de amplo controle, através do processo de acepção das doenças e suas consequências.

A cidade de Santa Maria, no período anterior à construção do Hospital de Caridade, possuía um atendimento de profissionais e de medicastros⁴ que eram reconhecidos pela administração local. A Câmara Municipal, que impusera o direito para clinicarem, pois assim como Senhor Presidente da Província, acreditava-se que a população precisava de qualquer pessoa disposta a cuidar, já que as localidades não possuíam médicos habilitados. Logo, por mais que existissem embates e divergências entre as Câmaras e o governo da província, permaneceram os medicastros.

De fato, se nos atentarmos, em especial para a recente historiografia das práticas de curas populares é possível perceber que as questões de saúde aparecem como terreno privilegiado para a observação desse embate. Afinal, não poucas vezes as câmaras se posicionaram contra as leis que protegiam títulos e médicos e a favor de seus curandeiros locais (Witter, 2007, p.168).

Entre os reconhecidos apontados por Belém (1989), a população estava sob os cuidados de João Roberto Leymann e Francisco Custodio, que exerciam cuidados na população, estimada então em 5.365 almas de acordo com Costa (1922).

A Câmara Municipal, convicta da nenhuma clínica que tenha o suplicante nesse lugar, na arte médica, que infelizmente exerce da incapacidade com que a mór parte do povo o contempla nesse exercício, não pode nem é possível deixar de consentir que algumas pessoas apliquem alguns curativos, muito embora não sejam profissionais, pois ao contrário seria cortar recursos do povo, eu visto que nessa vila não há, presentemente, um médico habilitado que mereça conceito público (BEBER, 1998, p.30).

Posteriormente a 1900, uma pesquisa do município feita por Alfredo R. da Costa, em 1922, contempla dados do desenvolvimento econômico e populacional, abordando o período de 1900 até 1922, em que consta um crescimento de 50% da população. Assim, o total de habitantes no início do século XX era de 38.522 habitantes e 5.000 casas, mais os núcleos coloniais próximos.

A necessidade de suprir as condições básicas da população que crescia em níveis significativos exigia acomodações urbanas apropriadas. Isso porque as acomodações existentes não eram mais propícias para atender toda a população.

Uma edificação para abrigar o hospital

A partir de um acidente entre trens ocorrido na Estação da Colônia¹, ficou evidente a urgência de um local apropriado para intervenções cirúrgicas. Percebe-se a preocupação de representantes da sociedade santa-mariense com um local específico para tratar a população:

Não era possível, aquilo não podia continuar. Urgia a construção de um hospital, onde os médicos conseguissem cumprir sua missão, salvando as responsabilidades. Já se não tratava de um rasgo facultativo de filantropia, senão do implemento de iniludível ação compulsória, de fugir à cumplicidade de um crime caracterizado de lesa-humanidade (ISAIA,1983, p.12).

Levando em conta essa situação, os acidentes de trem e tomando como referência os Hospitais da Beneficência de Porto Alegre e o Estatuto da Beneficente Artística, o Hospital de Caridade foi fundado em 17 de julho de 1898, tornando-se um local adequado para o atendimento da população santa-mariense e das localidades próximas.

¹ Atual Camobi.

Motivado, um grupo de cidadãos tomou a iniciativa e fundou o hospital, para isso, foi necessário um planejamento sólido e contínuo, de acordo com o Relatório apresentado na sessão da Assembléia Geral (1904), o qual contém detalhes antes e depois da construção, que foram coligidos em comemoração ao Jubileu (1903-1928).

A necessidade evidente de um lugar com recursos médicos motivou à construção, afinal, a população aumentava e as necessidades médicas cresciam nas mesmas proporções, assim, os recursos destinados aos doentes era uma verba anual destinada pelo Conselho Municipal, porém, esse recurso que não era muito e não cobria as necessidades da demanda da população.

Em 1898, reuniram-se, no salão nobre do Grupo Caixeiral, cidadãos capitaneados por Dr. Astrogildo de Azevedo², para criar a Sociedade de Caridade Santa-Mariense³.

Nos dias que se sucederam, frequentes reuniões foram organizadas, com o intuito de promover a organização da Associação para submeterem-se à Lei municipal e aos seus arranjos, assim como para definir direção, o tesoureiro e as demais comissões, que foram divulgadas pela imprensa local, no caso do jornal *O Estado*, que teve participação significativa noticiando os passos que se sucederam do projeto do hospital. Para dar continuidade ao hospital, a Sociedade de Caridade retirou um empréstimo de 25 contos de réis, junto a *Compagnie Auxiliaire de Chemins de Fer au Brésil*⁴ com juros de 5% e prazo de pagamento de 10 anos, os quais foram utilizados na construção e aquisição do terreno da Avenida Ipiranga.

A comunidade teve participação nas doações, por isso a prestação de contas foi feita pelo *jornal O Estado* e apresentada no Relatório feito em sessão da Assembléia Geral da Associação Protetora do Hospital, em que se informava os nomes e as quantias.

² Fundador e idealizador do Hospital de Caridade (ISAIA, 1983).

³ Atualmente, Associação protetora do Hospital de Caridade (ISAIA, 1983).

⁴ Empresa belga designada a arrendatário da Rede de Viação Férrea do Rio Grande do Sul (LOPES, 2002).

O auxílio à administração do hospital ficaria a cargo das Irmãs da Congregação São Francisco de Assis, para a qual foram solicitadas para o desempenho de funções no Hospital. “Não se pode compreender um bom hospital sem as irmãs de Caridade. Aqui, mais do que outros lugares, há falta absoluta de pessoal idôneo para o desempenho de tão espinhosa missão”. (Relatório apresentado na sessão da Assembléia Geral, 1904, p.11). Assim, as irmãs chegaram ao Hospital:

[...] Elas vinham de Porto Alegre, de onde saíram no dia anterior, viajando por via fluvial e, depois, por trem. Na Gare local foram recepcionadas pelo Dr. Astrogildo de Azevedo, diretor do Hospital de Caridade, e pelo Dr. Wauthier, que dirigia a companhia Belga que responsável pelas estradas de ferro (MORALES, 2008, p. 72).

O contrato do Hospital de Caridade que apresentava os deveres das Irmãs também assegurava cuidados da estadia, como pensão mensal, hospedagem, alimentação, tratamento médico e, como também em caso de mortes, eram assegurados sepultura e enterro católico. Assim sendo, pode-se observar que, desde a concepção e a formação do hospital, tudo foi planejado e pensado nas minúcias de sua formação.

As Irmãs destinadas ao serviço do Hospital eram cinco freiras, após algum tempo, o número aumentou, devido à demanda de serviço.

[...] das quais a Irmã Justina, exercia o cargo de Madre Superiora, a Irmã Vitalis encarregava-se da lavagem de roupa, a Irmã Frederica faz o serviço de cozinha e as irmãs Luiza e Agatha tratavam dos doentes (Relatório apresentado na sessão da Assembléia Geral, 1904 p.13).

A supervisão das Irmãs era por conta da Madre superiora, para a qual foram atribuídas, de acordo com o contrato assinado, algumas especificações, que lhe davam total poder na administração junto com o respectivo diretor.

Os relatos das Irmãs ocorriam por meio do livro de crônicas do hospital de Caridade Dr. Astrogildo de Azevedo, Livro I, dos anos

1903 a 1967⁵, escrito pela Irmã Justina, tem detalhadamente a chegada das irmãs, os seus afazeres e os acontecimentos do Hospital.

As crônicas são utilizadas como fonte privilegiada das irmãs no Hospital de Caridade, são apenas complementos de narrações cronológicas vividas da época abordada, seguindo o raciocínio de Maroneze (2014). A forma com que as crônicas podem ser utilizadas, nesse caso, será destinada à narrativa de tempo e espaço dos acontecimentos da vinda das Irmãs e da jornada na cidade, pois o grande número de jornais em circulação e toda a questão política que representavam não são possíveis seguir com uma cronologia contínua, em determinado jornal, devido a mudanças e pouco tempo de circulação.

As crônicas, portanto, serão complementares ao estudo da trajetória das Irmãs em Santa Maria, não serão tratadas como fonte histórica, pois serão complementares, assim como o jornal *O Estado*.

Assim, percebe-se que a significativa ação das Irmãs Franciscanas na sociedade santa-mariense no âmbito da saúde, que foi sendo construído no presente trabalho através do livro de crônicas das Irmãs, jornal *O Estado* e o relatório apresentado em sessão da Assembleia Geral da Associação Protetora do Hospital, contido no livro de Documentos Históricos coligidos em comemoração ao Jubileu do Hospital de Caridade de Santa Maria (1903-1928),

Fundamentais a essa pesquisa, os documentos ajudaram na construção da jornada das irmãs na cidade, e de que como seus serviços expandiram e auxiliaram a chegada de novas religiosas da Congregação São Francisco de Assis na cidade, no âmbito da educação, no qual foi outro setor contemplado.

A trajetória das Irmãs Franciscanas na Educação

O cenário Educacional no Brasil no século XIX era muito frágil, diferente dos grandes centros urbanos europeus, que possuíam, em

⁵ O hospital de Caridade só ganhou o nome do Dr. Astrogildo de Azevedo em 1948, mas as crônicas já estão com o nome completo.

suas localidades, um cenário de industrialização e movimento de capital, referente aos bens de consumo.

O Brasil possuía dificuldades em questões básicas como habitação, questões sanitárias, pobreza, não se considerando, além disso, questões sociais de distinção de renda e da população livre e liberta, que, de acordo com Alessandra F. Martinez de Schueler, esses pontos ilustravam o cenário do Brasil no século XIX.

Na metade do século XIX, foi intensificada preocupação com o ensino de crianças e adolescentes, de acordo com a Lei 1331 de 1854, contendo os pressupostos básicos da educação, a qual estava a cargo das províncias. Assim, as províncias ficaram a cargo da educação de suas localidades.

A partir de 1850, no âmbito da Corte imperial e posteriormente nas Províncias, intensificaram-se as preocupações e medidas em prol da implantação de um sistema de educação pública. Garantida como um direito dos cidadãos, desde a Constituição outorgada em 1824, a difusão da instrução primária emergiu como uma das primeiras iniciativas do Estado dirigidas às crianças e jovens. [...] ainda em 1854, por meio do Regulamento da Instrução Primária e Secundária no Município da Corte (lei 1331 A, 17/02/1854), o público alvo do ensino primário e secundário foi delimitado¹⁰. O acesso às escolas criadas pelo Ministério do Império era franqueado à população livre e vacinada, não portadora de moléstias contagiosas. Os escravos eram expressamente proibidos de matricularem-se nas escolas públicas. Excluindo os cativos, a legislação da Instrução Pública estabelecia e ratificava a distinção fundamental da sociedade imperial: a que marcava a subordinação dos escravos aos homens livres (Revista Tempo, Rio de Janeiro, p. 32 – 55, 2008).

Entre os problemas enfrentados pelas províncias, destacavam-se as localidades do interior, em que localizar em um ponto estratégico e instalar uma escola pública era dificultoso, de acordo com Belém (1933). Cidades como Santa Maria (RS) e a sua crescente expansão populacional e urbana necessitavam de escolas, mas, os cidadãos não tinham desejo de uma. “[...] sua incúria repousava na indiferença

do povo” (BELEM, 1933, p.182). A mudança de pensamento da população veio com a preocupação das famílias em dar aos seus filhos um estudo de qualidade, vindo, assim, as primeiras escolas particulares.

[...] diante da sensível diferença na mentalidade do povo santamariense.

Os pais já desejavam dar educação intelectual a seus filhos. Colégios particulares surgiram então para ministrar o ensino primário visto com a aula pública não podia comportar a população escolar (BELEM, 1933, p.185).

Com o início da República e a expansão urbana, o ensino já se tornava mais evidente e considerável. De acordo com Nagle (1974), questões políticas, sociais, econômicas e o surgimento de classes sociais emergentes corroboraram para um entusiasmo na educação, a fim de reestruturar o ensino no Brasil. “[...] a preocupação bastante vigorosa em pensar e modificar os padrões de ensino e cultura das instituições escolares, nas diferentes modalidades e nos diferentes níveis” (NAGLE, 1974, p.100).

Em Santa Maria, por mais que mudasse o pensamento em relação ao ensino, o Estado não contribuía para melhorias, dificultando o desenvolvimento na área. Pode-se observar nas palavras de Beltrão.

Proclamando a república e organizando o estado sob o novo regime, Santa Maria no que se refere à instituição Pública, não obteve maiores vantagens. [...] O estado material das escolas públicas no tempo de Império era miserando. Sob o novo regime, por muito tempo, continuou a se-lo, pelo menos, em Santa Maria (BELTRÃO, 1933, p.185).

Portanto, de acordo com Manuel Castells (1972), a questão em oferecer um produto diferencial no âmbito educacional, as religiosas ofertaram à sociedade o ensino feminino de internato, dedicando-se a fundar uma nova escola.

Em 1905, começou a formação do atual Colégio Franciscano Sant’ Anna, ajudando a transformar o cenário urbano local, Henri Lefebvre (1999). As religiosas documentaram os primeiros passos dessa nova jornada.

Nos primeiros dias do ano tivemos a visita da querida Madre Anna, em companhia de Irmã Agostinha. Ficaram uma semana conosco. O motivo desta visita era conhecer o edifício e tratar das necessárias modificações para o futuro Colégio Sant' Anna. Estas reparações deviam ser feitas em seguida, a fim de que as irmãs pudessem iniciar suas atividades em março (CRONICAS, 1905, p. 4).

A congregação de São Leopoldo alugou uma casa com contrato de três anos, em frente do Hospital de Caridade, que seria, inicialmente, a sede do colégio e, posteriormente, internato (1905), destinado a meninas da cidade e região, Sant' Anna (2007).

O colégio Franciscano Sant' Anna foi fundado dia 4 de março de 1905.

Sua história, uma história de vida, começou oficialmente com uma celebração eucarística numa casa alugada à antiga Rua Ipiranga, em frente ao Hospital de Caridade. (SCALIFRA ZN. 2006 p.59)

A escola começou com seis irmãs e 30 alunas, mas, com os anos, expandiu-se e, em 1908, houve a mudança para a nova sede, localizada no centro de Santa Maria (RS).

De acordo com as crônicas, foi necessário um novo ambiente devido à expansão rápida do número de internas “na casa nova, já se achavam a capela, a cozinha, os refeitórios e os dormitórios” (SCALIFRA ZN, p.59).

As novas instalações foram finalizadas com o tempo após a mudança para a nova sede. Nos anos subsequentes, a cidade sofreu uma onda de peste Bubônica de acordo com as crônicas das Irmãs Franciscanas, de modo que foi inevitável a cidade não sofrer com perdas em todos os setores.

No mês de agosto repentinamente apareceu a peste pulmonar. Alastrou-se rapidamente pela cidade e pelo Hospital. Foram logo as providencias tomadas, para suprir a tal peste. Toda a cidade alarmou-se e quando caíram as primeiras vítimas da peste, a metade da população santamariense refugiou-se em outras vilas e cidades distantes, para assim fugir do contágio (CRONICAS, 1912, p.18).

Como consequência da peste, a escola das religiosas foi afetada com a retirada de internas pelas suas famílias, medidas que, de acordo com SCALIFRA-ZN (2006), consistiram em anos de dificuldades até que se normalizasse e controlasse a irradiação da peste na cidade “as irmãs lutaram contra problemas de saúde, como a peste bubônica [...] As famílias levaram suas filhas para casa, interrompendo as aulas” (SCALIFRA-ZN, p.59).

Considerada como surto⁶ de peste bubônica na cidade no período de 1912, de acordo com WEBER (1999), a irradiação de doenças e epidemias como sífilis, tuberculose, peste bubônica, eram presentes no cenário do rio-grandense nos séculos XIX, XX, doenças que o Hospital de Caridade possuía controle em sua documentação. Algumas das mortes e internações poderiam ser evitadas, se, nesse período, os problemas como saneamento fossem reparados (WEBER, 1999).

As doenças, assim como a proliferação delas, podem ser controladas, através de medidas de higiene, tais medidas podem e geram um descontentamento populacional de acordo com CUNHA (2003). Assim sendo, as normas científicas do bem viver e da higiene são um exemplo que as regras impostas pela administração²¹ da época podem gerar conflitos e insatisfação populacional, o que demonstra que medidas administrativas podem ser insatisfatórias perante a sociedade.

Assim, algumas medidas tomadas pelo Hospital de Caridade para a proteção dos internos e para evitar a proliferação da peste pulmonar foram implantadas, de acordo com as Crônicas das irmãs, sendo que o primeiro passo foi declarar o Hospital de Caridade como lugar contaminado. Após uma análise mais aprofundada do controle de mortes, foi constatado que algumas baixas hospitalares haviam sido resultado da peste pulmonar. “A peste trouxe-nos outra grande surpresa. Como algumas vítimas da peste já estivessem internados em nosso hospital, sem nós o sabermos” (CRÔNICAS, 2012).

⁶ Surto é quando ocorre a proliferação de uma doença em determinado local, diferente de epidemia que é quando ocorre em vários lugares e regiões (PRIBERAM, 2018).

O próximo passo do hospital foi isolar os pacientes contaminados e transferi-los para a ala de isolamento, construída fora da cidade, para que fossem devidamente tratados.

A ajuda de subscrições⁷ em conjunto com medidas de prevenção controlou-se o surto da peste na cidade, retornando, assim, as atividades corriqueiras. No período de 1914, pode-se observar um novo surto, agora de varíola e de varíola preta, que resultou em um novo isolamento, feito no próprio Hospital de Caridade, utilizando um pavilhão para o tratamento dos doentes de acordo com os relatos das Irmãs Franciscanas do Hospital.

Nos anos subsequentes, as Irmãs Franciscanas do Sant' Anna foram retomando as suas atividades e adquirindo novos espaços, entre eles adquiriram uma chácara, que tinha a finalidade de subsidiar a escola de acordo com (SCALIFRA-ZN, 2006). Além disso, as irmãs criaram e administraram outras escolas, em localidades diferentes da cidade, contribuindo para a expansão do ensino na cidade.

Um exemplo de solidariedade foi a criação da “escola dos pobres”, em 1916, no bairro Itararé. Sob proteção de Santa Catarina, a pedido do doador do espaço, teve tanto sucesso que, já no segundo ano de funcionamento, contava com 200 alunos. Atentando a objetivo semelhante, em 1922, anexa à capela Dores, foi criado outra escola para os pobres. As irmãs atendiam ao Sant' Anna e a essas duas escolas e eram auxiliadas por professoras leigas. [...] Ainda nessa década, em 1º de julho de 1923, a Escola da Cooperativa Ferroviária (hoje Manuel Ribas) foi entregue às Irmãs do Sant' Anna e ficou sob sua administração até 1943 (SCALIFRA-ZN, 2006, p.61).

Diante do exposto, pode-se afirmar que a trajetória das Irmãs na cidade, tanto na saúde como da educação, foi uma caminhada longa e contínua, provinda de descobertas, aperfeiçoamentos e desenvolvimentos, junto com a sociedade santa-mariense, destacando o desenvolvimento da sociedade nesse período, em diversas áreas, sob a influência das Irmãs Franciscanas.

⁷ Lançamento de novas ações por uma sociedade anônima, com a finalidade de obter os recursos necessários para investimento (PRIBERAM, 2018).

Algumas considerações

Pode-se concluir que a jornada das Irmãs Franciscanas na cidade de Santa Maria (RS) esteve marcada por grandes proações, palavra que foi constantemente usada por elas nas Crônicas do Hospital de Caridade, assim como é possível indicar a notável influência e o desenvolvimento de suas funções em contribuição ao desenvolvimento das áreas nas quais atuaram. O resultado pode ser visto nos dias atuais, como o Colégio Sant' Anna, o Centro Universitário Franciscano, as atividades na Casa de Saúde (1926), as Clínicas SEFAS (Associação Franciscana de Assistência a Saúde -1999).

A vinda da viação Férrea do Rio Grande do Sul (1905) para Santa Maria, devido à posição geográfica privilegiada, aumentou à transição de pessoas na cidade e região, assim, a proliferação de doenças e condições sanitárias da época contribuiu para as razões da construção do Hospital de Caridade e a vinda das religiosas.

O convite do Dr. Astrogildo de Azevedo para trabalhar na área da saúde e as dificuldades e precariedades do ensino na época, assim como a expansão da educação posteriormente com a criação dos primeiros cursos de educação superior (1952-1960), além da criação da primeira Universidade Federal do Interior do Brasil (UFISM-1960), feita pelo governo federal, tornou Santa Maria polo educacional. Desse modo, têm-se alguns fatores que influenciaram o crescimento e jornada das Irmãs Franciscanas na cidade de Santa Maria até os dias atuais.

O trabalho das Irmãs assim como os cenários e as influências da época foram fundamentais para os dias atuais, de tal forma que as contribuições são de grande estima para a população, tanto na educação como na saúde, uma vez que Santa Maria tornou-se polo regional nos dois casos, que giram a economia local e subsidiam o crescimento constante da cidade, atraindo novos estudantes e sendo referência em desenvolvimento educacional e de assistência médica, amparando a população santa-mariense e regional.

Assim, o objetivo do trabalho que se voltou para a importância das religiosas na cidade, associando-as às influências que propiciaram o desenvolvimento e a fixação na cidade, de modo que é possível afirmar que elas foram agentes contribuintes na transformação do cenário santa-mariense pela sua ação na fundação e ampliação do Hospital de Caridade e pela firme atuação no setor educacional, cujo trabalho ampliou-se, resultando, por exemplo, no Centro Universitário Franciscano que abriga inúmeros estudantes de Santa Maria e do estado, os quais dinamizam a cidade. Desse modo, considera-se que o trabalho cumpriu o seu propósito e destacou tão importante grupo de Irmãs que, na atualidade, já fazem parte da História local.

* * *

Referências

- ARANHA, Gervácio Batista. Retratos urbanos no Brasil: a crônica como fonte histórica. In: *Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética*. Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM.
- BEBER, Cirilo C. *Santa Maria 200 anos: história da economia do município*. Santa Maria: Pallotti, 1998.
- BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 185-212.
- BELÉM, João. *História do município de Santa Maria (1797-1933)*. Santa Maria: Edições da UFSM, 1989.
- BELTRÃO, Romeu. *Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho*. 2. ed. Santa Maria: Pallotti, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 183-191.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- COLÉGIO FRANCISCANO SANT'ANNA. *Colégio Franciscano Sant'Anna: 110 anos*. Santa Maria: [s. n.], 2015.

- COSTA, Alfredo R. *O Rio Grande do Sul*. Santa Maria, RS: 1922, v.2.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. Os bacamartes da República. Saberes e poderes no Brasil da virada do século XX. In: SILVA, Fernando Teixeira da et al. (Orgs.). *República, liberalismo, cidadania*. Piracicaba: Editora Unimep, 2003, p. 119-138.
- DUARTE, Maria Izabel Mariano da Rocha. *José Mariano da Rocha Filho: fotobiografia*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2014.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. A História: fonte de fato ou ficção? *Itinerários*, Araraquara, 15/16:141-149, 2000.
- HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. São Paulo: HUCITEC/ANPOCS, 1998.
- ISAÍÁ, Antônio. *Os 80 anos do Hospital de Caridade Dr. Astrogildo de Azevedo 1903-1983*. Santa Maria: Pallotti, 1983.
- JEANNENEY, Jean-Noël. A mídia. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 213-230.
- LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.
- LOPES, Caryl Eduardo Jovanovich. *A compagnie Auxiliaire de Chemins de Fer au Brésil e a cidade de Santa Maria no Rio Grande do Sul, Brasil*. Barcelona PDAG, 2002, p. 77-81.
- MARONEZE, Luiz Antonio Gloger. A crônica e o fazer histórico na crise da modernidade: reflexões e possibilidades. *Uruguay*, ano 6, n. 12, p. 17, julho 2014.
- MORALES, Neide Regina Ceccim (Org.). *Santa Maria: memória*. Santa Maria: Pallotti, 2008.
- NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo, SP: EPU, 1974. 400 p.
- NEVES, M. de S. Os cenários da república. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves e FERREIRA, Jorge Luís (Orgs.). *O Brasil Republicano: Estado, sociedade civil e cultura política. O tempo do liberalismo excludente. Da Proclamação da República à Revolução de 1930*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2010.
- RECHIA, Aristilda. *Santa Maria: panorama histórico-cultural*. Santa Maria, RS: Associação Santa Mariense de Letras, 1999.
- ROSSI, Daiane Silveira. *Ações de saúde pública em Santa Maria/RS na segunda metade do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Maria: PPGH, Santa Maria, 2015.

- SCALIFRA, Z. N. *Conquistas e perspectivas na educação*. Santa Maria, RS: Ed. da UNIFRA, 2006.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. *Revista Méti*s: história & cultura, v. 2, n. 3, p. 57-72, jan./jun. 2003.
- SCHUELER, Alessandra Frota Martinez; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 32-55, 2008.
- SILVA, Jaisson Oliveira da. História vivida e História que se escreve: no encaço daqueles que deram um passado para Santa Maria. In: WEBER, Beatriz Teixeira. RIBEIRO, José Iran. *Nova história de Santa Maria: contribuições recentes*. Santa Maria: [s.n.], 2010, p. 63-85.
- WITTER, Nikelen Acosta. *Dizem que foi feitiço: as práticas de cura no sul do Brasil (1845 a 1880)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- WITTER, Nikelen Acosta. *Males e Epidemias: sofrendores, governantes e curadores no sul do Brasil (Rio Grande do Sul, século XIX)*. Tese de Doutorado – Universidade Federal Fluminense, 2007.
- WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense – 1889/1928*. Santa Maria: Ed. UFSM; Bauru: EDUSC – Editora da Universidade Sagrado Coração, 1999.
- WEBER, Beatriz Teixeira. QUEVEDO, Éverton Reis. Santa Maria e a Medicina na passagem do século. *Revista Sociais e Humanas*. v. 14, n. 1, 2001, p. 73-85.

Recebido em 06 de dezembro de 2019.
Aprovado em 15 de janeiro de 2020.